


BOVINOS, AVES E SUÍNOS

Indústrias tentam superar Carne Fraca

Além da queda no consumo interno decorrente da crise, o setor de proteína animal tem um desafio extra em 2017. Desde março, quando a Polícia Federal anunciou a Operação Carne Fraca e indicou irregularidades em 21 frigoríficos do País, a indústria de produtos bovinos, avícolas e suínos busca defender seus produtos junto a clientes assustados com a notícia. Representantes das empresas acreditam que o impacto da operação já diminuiu, mas os reflexos do episódio ainda serão avaliados ao longo do ano.

O início do ano foi animador. Dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE) apontam que aves e suínos se destacaram nas exportações gaúchas no acumulado do primeiro trimestre. Nesse período, a carne de frango teve seu maior embarque desde 2008, com volume 7,3% maior que o do mesmo período de 2016, enquanto a carne suína cresceu 1,3%, alcançando o melhor desempenho desde 2009. Mas o volume exportado em março já mostrou quedas de 5,5% (frango), 18,4% (carne suína) e 9,9% (carne bovina).

A Assessoria Econômica da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) calcula em US\$ 30 milhões o valor perdido pelo



EMATER RS/ASCAR/DIVULGAÇÃO/JC

Setor perdeu em torno de US\$ 30 milhões com a investigação da PF

setor no Estado, com anúncio da operação. Um efeito foi o aumento nas despesas de logística. “A China chegou a suspender a internalização do produto que estava chegando, o que aumentou o custo de estadia dos navios, por exemplo”, explica o diretor executivo do Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos do Estado, Rogério Kerber.

“Os principais mercados deram voto de confiança, mas chegaram a pôr o pé no freio”, resume o presidente executivo da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Francisco Turra, que chegou a ir conversar com clientes nos

Estados Unidos e no México.

Para ele, é difícil arriscar previsões sobre o desempenho final do ano: “2016 foi difícil, com altos custos nos insumos, mas tivemos um crescimento suave. Estávamos melhorando em exportações e volume de produção, agora estamos nos recuperando”.

A recuperação será suficiente para manter a projeção de 10% de crescimento nas exportações nacionais de carne bovina, na opinião otimista do presidente do Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados no Estado do Rio Grande do Sul (Sicadergs), Ronei Lauxen.

LEITE

Criadores preveem um ano de austeridade

Resultado de uma cadeia produtiva sujeita a variáveis internas e externas, a produção de leite não vive o otimismo presente em outros setores do agronegócio. Por um lado, os criadores de gado têm encontrado insumos a preços bem menores que os do ano passado. Mas os altos índices de desemprego e a queda no poder aquisitivo da população urbana influem na queda do consumo dos laticínios - tendência que dificilmente será revertida em 2017.

“Em 2015 e 2016, as indústrias compraram menos leite do que em 2014, o que indica redução no consumo”, observa o zootecnista Jaime Ries, assistente técnico estadual do setor de leite da Emater-RS. “Enquanto não houver melhoria nas condições de renda das famílias, o setor não voltará a crescer”, prevê.

Um indicativo das dificuldades enfrentadas pelo setor costuma ser o índice de importações de leite em pó, que chegou a bater recordes históricos em 2016. No início deste ano, o ritmo se manteve. “Em janeiro e fevereiro, importaram-se 35 milhões de quilos. Em 2016, no mesmo período, tinham sido 15,79 milhões”, explica o presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínios e Produtos Derivados do

Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra.

Entidades do setor argumentam que o poder público deveria interferir nesse processo. “O governo poderia monitorar importações e estabelecer cotas”, propõe o presidente da Associação Gaúcha de Laticinistas e Laticínios, Ernesto Krug, lembrando que já existem cotas para produtos argentinos, mas não para a importação de países como o Uruguai - que vendeu ao Brasil 6,8 mil toneladas apenas em janeiro deste ano.

Nesse cenário, a expectativa é de que os obstáculos dos últimos dois anos levem a uma queda no número de produtores de leite no Estado. Uma ampla pesquisa realizada pela Emater e pelo Instituto Gaúcho do Leite (IGL), em 2015, apontou que o Estado tinha cerca de 84 mil produtores na indústria leiteira. Os dados serão atualizados neste ano, e a previsão é de que esse número tenha uma redução de 15%. “Os pequenos produtores, acabaram ficando para trás”, explica Ries. Na contramão, um sinal de otimismo veio de indústrias como Lactalis e Santa Clara, que anunciaram investimentos de mais de R\$ 200 milhões em ampliação da capacidade de produção.

JUNIO NUNES/DIVULGAÇÃO/JC



Apesar da recuperação da safra, Iro Schünke vê dificuldade de competitividade e cita o câmbio como um dos fatores

FUMO

Fumicultores retomam nível de produção

Maior produtor de tabaco entre os estados brasileiros, o Rio Grande do Sul vive um ano de recuperação da safra de fumo, bastante prejudicada pelo clima na temporada passada. A previsão de colheita para este ano no Sul é de quase 700 mil toneladas, e os produtores gaúchos deverão responder por praticamente metade desse total. A exemplo do que vem ocorrendo com o milho, a fatura é acompanhada por preços mais baixos para os fumicultores, enquanto as indústrias do setor veem na taxa do dólar um obstáculo para as exportações.

As perdas da lavoura 2015/2016 tiveram impacto no setor, fazendo com que a produção física das indústrias caísse em 31% no ano passado, na comparação com o ano anterior, conforme dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE). “O granizo é um grande inimigo. Em 2016, atingiu 38,6 mil produtores. Este ano, foram 18,7 mil”, compara o presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), Benício Werner.

Ele ressalta que o Estado, com 75,2 mil famílias produtoras, deverá responder por 46%

da produção nacional este ano, à frente de Santa Catarina (31%), Paraná (21%) e outros estados como Bahia e Alagoas (2%).

Recuperada a safra, os negócios ficaram aquecidos. Mas, do ponto de vista dos agricultores, a oferta não se traduz em rentabilidade mais alta - a média de preços do quilo, que foi de R\$ 10,07 em 2016, anda em torno de R\$ 9,03. “Estamos nos recuperando em termos de quantidade, mas em termos financeiros deveremos ter o mesmo resultado do ano passado”, prevê Mauro Flores, presidente da comissão de Tabaco da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul).

Em meio às negociações pós-colheita, que têm seu auge nos meses de abril e maio, as indústrias do setor também miram no mercado externo, no qual o Brasil é o líder em exportações. “Em 2016, a exportação do Estado representou 68% do Brasil. Este ano, teremos mais dificuldades. O câmbio é um dos principais fatores, ficamos menos competitivos”, observa o presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco), Iro Schünke.

Rentabilidade deve cair em 2017

Renda acima da média nacional e satisfação com a atividade agrícola são algumas das características mais positivas dos produtores de tabaco da Região Sul. Pelo menos, é o que indica pesquisa realizada em 2016 pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Administração da Ufrgs, por encomenda do SindiTabaco. O estudo aponta que 80,4% dos fumicultores pertencem às classes A e B e que a renda per capita do setor é de R\$ 1.926,73 - enquanto a renda geral do Brasil é de R\$ 1.113,00. A amostragem aponta ainda que 85% dos agricultores pretendem continuar plantando fumo.

Dentro de uma lavoura de 11,5 hectares, Giovane Weber, de Santa Cruz do Sul, já vem apostando na diversificação, cultivando também verduras. Mas garante que a principal safra seguirá sendo o tabaco. “O fumo dá um retorno enorme, comparado com outras culturas. O problema, este ano, é a desvalorização. Está difícil de vender”, lamenta.